



Ano 2, Número 3 Abril/2019

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

PANORAMA DO CRÉDITO NO BRASIL

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

PANORAMA DO CRÉDITO NO BRASIL

NESTA EDIÇÃO

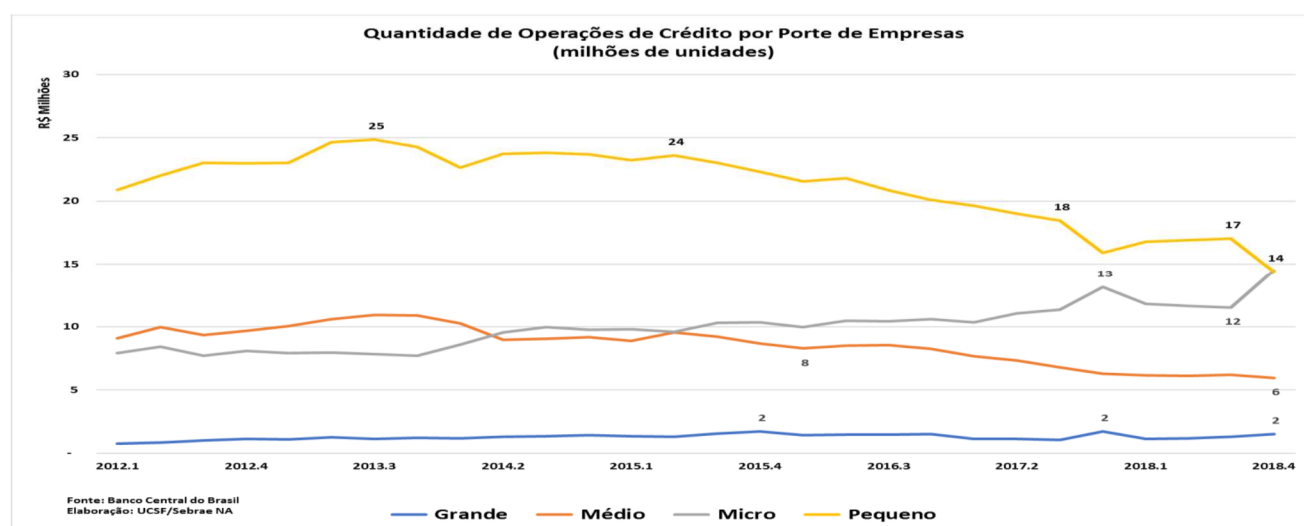
- 1. Panorama do Crédito no Brasil e as MPes*
- 2. Pensando a Pequena Empresa*
 - a. Geração de Empregos pelas MPes*
- 3. Balanço da Atividade Setorial*
 - a. Indústria, Comércio, Serviço e Agronegócio*
- 4. Artigo do Mês: Inovação: um novo Sopro de Rejuvenescimento da Indústria Nacional?*
- 5. Painel Brasil*
- 6. Painel Alagoas.*
- 7. Expediente.*

O PANORAMA DO CRÉDITO NO BRASIL

Uma relevante parceria firmada entre o Sebrae e o Banco Central do Brasil produziu, na primeira quinzena de março, um ótimo estudo sobre o panorama do crédito no país. O estudo cobre o período de 2012 a 2018 e disponibiliza dados importantes como a tipologia do crédito contratado no período, a quantidade de crédito por unidade da federação, a concessão de crédito por porte das empresas, taxa média de juros cobrado, taxa de inadimplência, dentre outros.

Iniciaremos a exposição dos dados neste número e faremos pequenos comentários para que o próprio leitor tire suas conclusões e também para que internalize os dados e os utilize em seu processo de tomada de decisão.

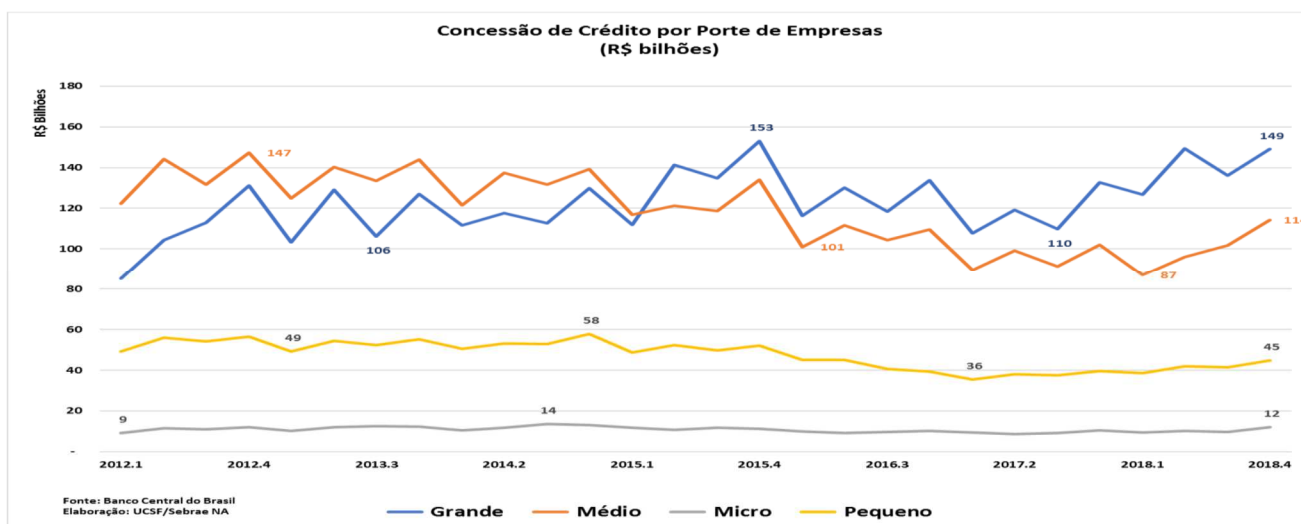
Inicialmente abordamos a quantidade de operações realizadas no período, decomposto por porte das empresas, conforme gráfico abaixo. No início do período observado, para o caso do Brasil, tivemos uma divisão das operações entre 8,072 milhões de operações realizadas pelas microempresas, pequenas empresas com quase 23 milhões de operações, as empresas de porte médio com 9,65 milhões de operações e as empresas de grande porte com 1,1 milhões de operações. Comparando os dados com o ano de 2018, verificamos que somente as microempresas (com 14,490 milhões de operações) e as empresas de grande porte (com 1,507 milhões de operações); as empresas de pequeno e médio porte reduziram suas operações para 14,490 milhões e 5,495 milhões respectivamente.



Fonte: Sebrae e BCB

O ranking dos estados apresenta nas cinco primeiras posições em quantidade de operações de crédito no período observado: São Paulo (370,9 milhões de operações); Minas Gerais (120,0 mi); Paraná (94,9 mi); Rio de Janeiro (82,4 mi) e Rio Grande do Sul (80,2 mi). Na região Nordeste, o primeiro estado que aparece é a Bahia, em 7º lugar (56,9 mi), seguida por Pernambuco, em 9º lugar (30,4 mi) e Ceará, em 10º (29,0 mi). Alagoas aparece em 20º lugar (8,2 mi), ficando na frente apenas dos estados do Piauí em 22º (6,19 mi) e Sergipe em 23º (6,18 mi).

O próximo gráfico apresenta os mesmos números com valores absolutos. Os dados mostram que houve um importante aumento na oferta total de crédito por parte do Sistema Financeiro Nacional. As microempresas tiveram o maior aumento registrado no ano, com 16,2% acima do registrado em dezembro de 2017, seguidas pelas empresas de pequeno porte (+13,2%), grandes empresas (+12,3%) e empresas de médio porte (+11,9%). O gráfico abaixo apresenta, portanto, as variações com os valores em reais e porte das empresas.



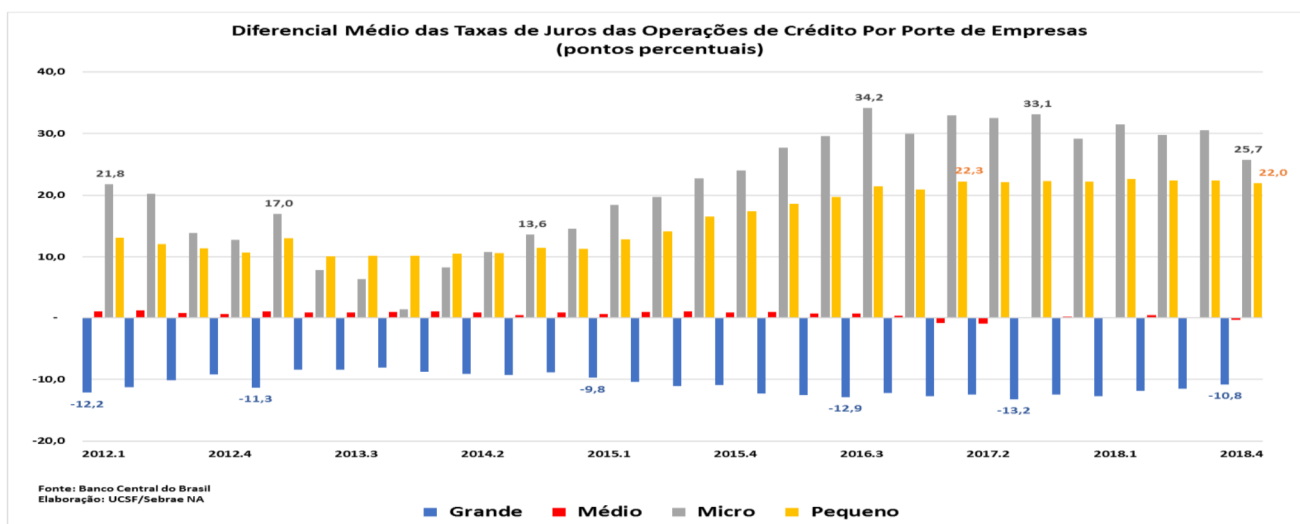
Quanto à tipologia do crédito contratado no país no período de seis anos do estudo, verificamos que há uma concentração do crédito em modalidades tipicamente financeiras e de consumo. Os motivos de contratação de crédito no país ligados ao setor produtivo estão listados apenas na 4ª (capital de giro com prazo maior que 365 dias) e 6ª e 7ª posições (financiamento de projetos e crédito para investimento). As sete primeiras tipologias e a quantidade de operações, no Brasil e em Alagoas estão listados na tabela a seguir:

Tipologias de Crédito (nº operações), 2012 – 2018

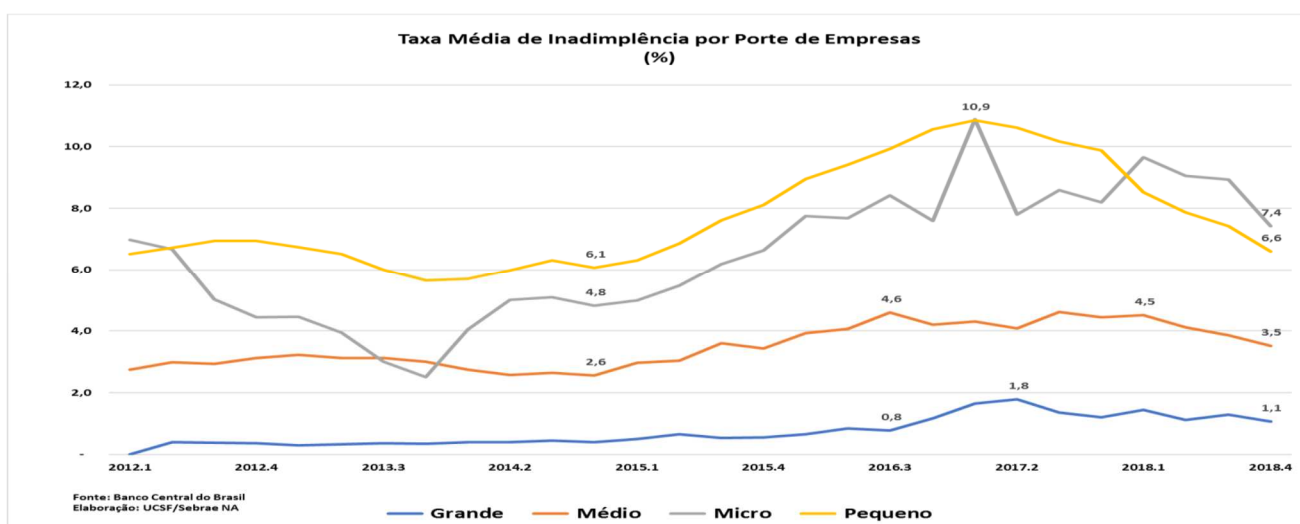
Tipologia do Crédito	Brasil (nº operações)	Alagoas (nº operações)
Antecipação de fatura de cartão de crédito	266.534.696	2.958.028
Desconto de Duplicatas	187.383.691	700.486
Desconto de Cheques	122.655.765	544.230
Capital de Giro com prazo maior que 365 dias	79.096.323	645.729
Cartão de Crédito à Vista	63.501.975	618.083
Financiamento de Projetos	9.578.850	41.256
Investimento	4.211.070	24.617

Fonte: Elaboração do autor, a partir dos números do Sebrae e BCB

Conforme observação do Sebrae, a redução total das taxas de juros para todos os portes reduziu também o diferencial de taxas entre os portes de empresas. As grandes empresas ainda conseguem realizar operações de crédito com taxas cerca de 10 pontos percentuais abaixo da taxa média nacional. A taxa média de juros para as microempresas, que em dezembro de 2017 era cerca de 29 pontos percentuais acima da taxa média nacional, atingiu o nível de 22 pontos percentuais, ainda muito elevado, mas em claro movimento de queda. O diferencial de taxas para as pequenas empresas permaneceu estável em torno de 22 pontos percentuais acima da taxa média nacional.



Por fim, é importante observar as taxas de inadimplência por porte das empresas. As taxas de inadimplência das micro e pequenas empresas foram as que tiveram maiores reduções durante o ano de 2018. A taxa média de inadimplência das pequenas empresas passou de 9,9% em dezembro de 2017 para 6,6% no final de 2018. No caso das microempresas as taxas passaram de 9,7% para 7,4% durante 2018. As empresas de portes maiores continuam tendo um melhor acesso ao crédito e taxas mais convidativas.



Com as informações acima, podemos fazer algumas observações importantes acerca do crédito no país. Inicialmente, as razões para a contratação de crédito precisam mudar para ampliar as operações ligadas às empresas, como o capital de giro, o financiamento de projetos e os investimentos. O setor produtivo não pode continuar se financiando com tipologias de crédito inadequadas às atividades produtivas, como por exemplo: cartão de crédito, antecipação de recebíveis e cheque especial.

Em segundo lugar, as empresas de menor porte carecem de maior apoio para ampliar a demanda por crédito produtivo. O maior suporte às empresas pode ser visualizado em quatro pontos principais, com outros desdobramentos futuros: i) fortalecer o profissionalismo da gestão das empresas atendidas; ii) elaborar projetos de financiamento com mais consistência, incluindo indicadores de resultados com evidências de entregas; iii) fortalecer as equipes das empresas para que contribuam com o atendimento aos indicadores propostos no projeto; iv) diante disso, as empresas merecem, portanto, um diferencial de taxas para que seu esforço na consecução das metas propostas no financiamento sejam efetivadas.

As micro e pequenas empresas aumentaram as contratações de crédito nos períodos de crise observados no estudo, o que denota uma posição anticíclica bastante positiva para a economia como um todo. As pequenas empresas também apresentaram as maiores reduções nas taxas de

inadimplência, fortalecendo sua posição de boas pagadoras. As empresas de pequeno porte, por tudo isso, precisam de mais apoio das autoridades monetárias e financeiras e das agências de fomento do país na utilização de mecanismos mitigadores de risco, como: fundos de aval; projetos de apoio à gestão e tecnologia e apoio à assistência técnica em projetos, que estão disponíveis nessas agências.

As propostas de crédito para investimento precisam ser realizadas de forma ampla, observando todos os aspectos de um projeto, desde as aquisições, passando pelo capital de giro, até ações de treinamento, consultoria e assistência técnica. Por fim, os projetos devem incluir o acompanhamento e o monitoramento sistemáticos; e para este objetivo as organizações de fomento ao desenvolvimento contam com recursos e pessoal treinado – afinal, este é seu papel principal de existência. Com isso, certamente teremos mais crédito sob medida para os atores que fazem a diferença na economia.

PENSANDO A PEQUENA EMPRESA

Geração de Emprego pelas MPEs

Os pequenos negócios, mais uma vez indo contra a trajetória de retração das médias e grandes empresas, fecharam o mês de janeiro com a geração de 60,7 mil empregos formais, segundo a análise feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia. Os pequenos negócios são responsáveis em média por 82% a 84% dos postos de trabalho gerados na economia nacional, o que dá uma dimensão da importância deste tipo de empreendimento para a economia do Brasil.

O setor de Serviços foi o destaque do mês, tendo criado 40 mil novos postos de trabalho, dez vezes mais a quantidade gerada pelos negócios de médio e grande portes do mesmo segmento. Só as empresas do ramo imobiliário registraram 19,6 mil empregos, seguidas pelos serviços médicos e odontológicos, com 6,8 mil vagas, e pelos negócios do ramo de alimentação e bebidas, com 6,5 mil vagas.

A Indústria de Transformação também registrou um bom desempenho, tendo criado 29 mil postos de trabalho em janeiro, enquanto as médias e grandes empresas fecharam 33,6 mil.

De acordo com o CAGED, o emprego formal no Brasil apresentou expansão em Fevereiro de 2019, registrando saldo de +173.139 postos de trabalho, equivalente à variação de +0,45% em relação ao mês anterior. Houve crescimento do emprego em sete dos oito setores econômicos. Esse resultado decorreu de 1.453.284 admissões e de 1.280.145 desligamentos. No ano, foram criados +211.474 empregos, com variação de +0,55%.

Ainda segundo dados do CAGED, em Fevereiro/2019, vinte Unidades Federativas (UF) registraram variação positiva no saldo de emprego e sete UFs apresentaram variação negativa. Os maiores saldos de emprego ocorreram em:

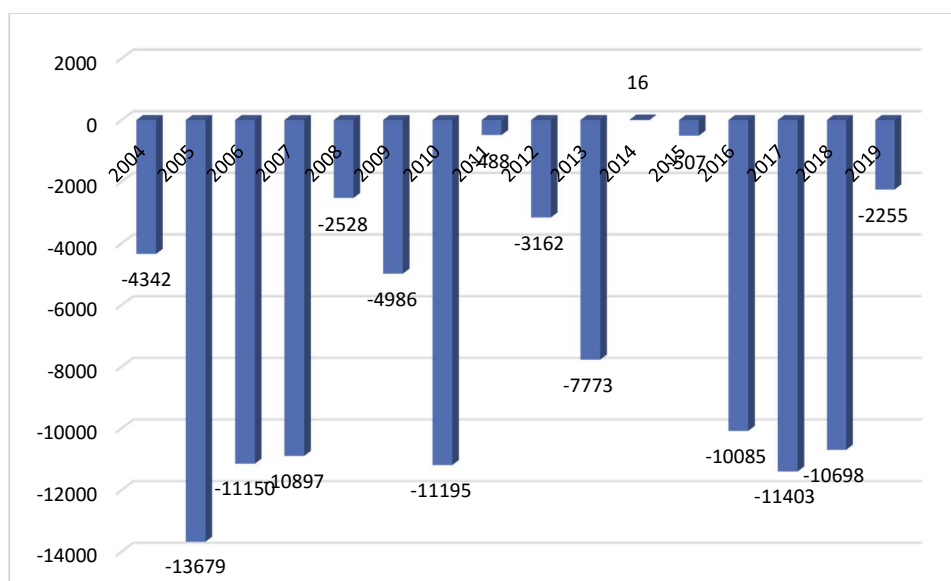
- São Paulo: saldo de 62.339 postos (0,52%)
- Minas Gerais: saldo de 26.016 postos (0,65%)
- Santa Catarina: saldo de 25.304 postos (1,25%).

Enquanto que os menores saldos de emprego ocorreram em:

- Pernambuco: saldo de -12.396 postos (-1,0%)
- Alagoas: saldo de -2.255 postos (-0,65%)
- Rio Grande do Norte: saldo de -2.249 postos (-0,53%).

A principal retração em Alagoas se deu nos setores da agropecuária e extrativa mineral (- 1.617 empregos; - 13,44% do período anterior), enquanto que os setores do comércio e serviços geraram 183 novos postos de trabalho (0,07%).

Alagoas - Saldo do emprego celetista - FEVEREIRO - 2004 a 2019



Fonte: ME/CAGED

O município alagoano que mais desempregou no mês foi Atalaia, com a eliminação de 1.556 postos de trabalho (- 45,58%) e o que mais empregou foi Coruripe, com um saldo de 232 empregos (2,83%).

Balanço Setorial

Índice de Atividade Econômica do Brasil em 2018

A atividade econômica registrou crescimento de 1,38% no resultado acumulado de 11 meses de 2018, segundo a Agência Brasil. É o que mostra o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br). Em 12 meses terminados em novembro de 2018, a expansão chegou a 1,44%. Em novembro do ano passado, comparado ao mesmo mês de 2017, houve crescimento de 1,86%. Na comparação entre novembro e outubro de 2018, o índice apresentou alta de 0,29%, de acordo com dados dessazonalizados (ajustados para o período). O IBC-Br é uma forma de avaliar a evolução da atividade econômica brasileira e ajuda o BC a tomar suas decisões sobre a taxa básica de juros, a Selic. O índice incorpora informações sobre o nível de atividade dos três setores da economia: indústria, comércio e serviços e agropecuária, além do volume de impostos. O indicador foi criado pelo BC para tentar antecipar, por aproximação, a evolução da atividade econômica. O indicador oficial é o Produto Interno Bruto (PIB), calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Grandes Categorias de Bens Produzidos no País por Atividade Econômica: nov-dez/2018 e jan/2019

Refinando um pouco mais a análise acima, trazemos um conjunto de dados que nos informam sobre a dinâmica da atividade industrial no país. As grandes categorias econômicas são medidas mensalmente pelo IBGE e seu objetivo principal é servir como uma medida aproximada da evolução de curto prazo do valor adicionado da indústria. São quatro as grandes categorias: bens de capital; bens intermediários; bens de consumo duráveis e bens de consumo semiduráveis e não duráveis. Para termos uma ideia da situação da atividade econômica do país no curto prazo, calculamos a média de três dos grupos acima (excluímos apenas os bens intermediários por questões de simplificação, uma vez que os bens de consumo duráveis já apropriam os bens intermediários), para o período de novembro e dezembro de 2018 e janeiro de 2019. As três grandes categorias apresentaram na média uma evolução positiva, sinalizando o início do crescimento sustentado da produção industrial no país. A categoria de bens de capital (equipamentos de informática, eletrônicos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, veículos automotores e reboques, dentre outras), cresceu no período uma média de 24,34%. Já os bens de consumo duráveis (equipamentos de informática, material elétrico, veículos automotores, móveis e demais atividades), apresentaram um crescimento médio de 38,23% e o grupo de bens de consumo semiduráveis e não duráveis (produtos alimentícios, bebidas, têxteis e confecções, artigos de couro, derivados do petróleo e biocombustíveis, artigos de perfumaria e higiene pessoal, farmoquímicos e farmacêuticos, dentre outros), teve um crescimento médio de 12,9%. No agregado, as grandes categorias de bens produziu um crescimento médio no período de 25,15%. Vale observar que o grupo de bens semiduráveis e não duráveis foi o que apresentou as maiores variações negativas em seus componente, sinalizando que o consumo final ainda não se recuperou totalmente da crise econômica recente. No entanto, podemos sinalizar que o incremento do consumo da indústria projeto melhores momentos para a economia nacional, com a ressalva de que os ajustes fiscais e os grandes projetos do governo precisam acontecer para que os agentes econômicos continuem apostando firme na produção industrial do Brasil. O principal projeto que está colocado na conjuntura atual é a previdência. Sem o avanço deste e de outros projetos que organizem, estruturam e dê novo rumo à economia, nenhuma sinalização positiva do mercado resistirá. Portanto, vamos acompanhar o desenrolar dos próximos dias para comprovar as tendências apontadas pelos números deste início de ano!


Artigo do Mês (* Fábio Leão, Economista, UGE)



Inovação: um novo Sopro de Rejuvenescimento da Indústria Nacional?

A indústria e a o processo de inovação, já é sabido, são caminhos que levam ao incremento da produtividade e da competitividade nos níveis empresarial, estrutural e sistêmico. Este esforço leva ao deslocamento da curva de valor de uma economia e acrescenta descontinuidades nos mercados de trabalho com a elevação no nível dos salários, no mercado de concorrência empresarial, com o surgimento de novos produtos e novas tecnologias, além de toda uma gama de mudanças nas relações sociais dos atores de uma determinada região ou país.

Sabemos também que o país vem perdendo esta corrida há algumas décadas. Diversos fóruns no país vêm discutindo os processos de desindustrialização e a lacuna aberta pela precariedade das disponibilidades e fontes adequadas de financiamento, além de organismos institucionais que liderem o processo de requalificação da indústria e da inovação nacionais. O sistema indústria – mais especificamente a CNI e o IEL – vem procurando construir um calendário nacional de discussões para montar uma agenda comum para a modificação da realidade da indústria e da inovação. A agenda dos representantes da indústria está cristalizada na MEI – Mobilização Empresarial pela Inovação. Com a parceria da UFRJ e Unicamp, o sistema indústria realizou seminários para discutir o que está ocorrendo no mundo sobre o tema. O professor Luciano Coutinho apresentou um painel intitulado “Estratégias nacionais diante das inovações disruptivas”, onde montou um painel com as estratégias dos países: EUA, Alemanha, China, Japão, Reino Unido, França, Coreia do Sul e Estônia.

O objetivo do painel foi montar um diagnóstico com as principais iniciativas desses países para modelar as ações do Brasil no rumo do incremento da competitividade nacional. No quadro abaixo, os dados resumidos dos planos nacionais de desenvolvimento de longo prazo para C, T&I dos EUA, Alemanha e China.

País	Diagnóstico	Objetivos	Iniciativas	Orçamento
EUA 	Manufatura avançada: motor do crescimento econômico •Perda de competitividade da indústria americana; déficit comercial; fuga de setores de alta tecnologia; não-captura dos frutos da P&D local; baixos investimentos em RH •Falta de coesão e convergência dos investimentos das agências federais orientadas por missões específicas •Aproximar indústria, academia e governo	Aumentar investimento público e privado em P&D e estimular inovação em manufatura avançada •Melhorar ambiente de negócios e criar/apoiar parcerias público-privadas •Tornar mais efetiva e coordenada ações federais e uso de instrumentos de CT&I •Qualificar mão de obra e tornar o sistema de ensino e treinamento mais próximo da indústria	Rede de laboratórios <i>Manufacturing USA</i> -centros de convergência para geração e difusão do conhecimento: (a) promover educação/treinamento e(b) oferecer infraestrutura compartilhada, principalmente para PMEs. Setores: energias renováveis; e automóveis inteligentes Temas especiais •RH(ApprenticeshipUSA, CyberTraining, etc.) •Infraestrutura de transporte •PMEs e startups (MEP, SBIR, etc.) •Clusters (regiões/cidades) industriais (IMCP)	Ano fiscal 2017: US\$176,81 bi

<p>Alemanha</p> 	<p>Necessidade de avançar competitividade; consolidar liderança em sistemas industriais; aumentar propensão a inovar das PMEs</p> <ul style="list-style-type: none"> •Demanda por aumentar bem-estar e superar desafios societais –saúde e nutrição; segurança; mobilidade e comunicação; sustentabilidade ambiental e eficiência energética •Três pilares: (I) convergência tecnológica; (II) economia digital; e (III) visão sistêmica e ampla da inovação 	<p>Promover a inovação em temas prioritários</p> <ul style="list-style-type: none"> •Aprimorar redes de inovação •Aumentar financiamento à PD&I das PMEs •Utilizar instrumentos não-financeiros •Aumentar participação da sociedade civil e a transparência do sistema de inovação 	<p>Tecnologias digitais (IoT, AI, <i>Big Data Analytics</i>, redes) para sistemas ciberfísicos</p> <ul style="list-style-type: none"> •Infraestrutura e tecnologias para mobilidade inteligente e eletromobilidade •Tecnologias para superação de desafios socioambientais •Tecnologias de segurança civil e cibernética •Complexo Econômico-Industrial da Saúde •Bioeconomia •Insumos básicos, incluindo materiais avançados 	<ul style="list-style-type: none"> •€15,8 bi: orçamento de P&D (2017), BMBF (não apenas para Industrie 4.0) •€200 milhões: financiamento público inicial para o plano de ação Industrie 4.0 •€2,5 bi: comprometimento da indústria de investir em 10anos •€1,9 bi: orçamento Fraunhofer-Gesellschaft (não apenas para Industrie 4.0)
<p>China</p> 	<p>Necessidade de lidar com o “novo normal” da economia chinesa: ampliar consumo interno, restrições ambientais, elevação dos custos de trabalho e insumos, desaceleração do investimento e exportações</p> <ul style="list-style-type: none"> •Acirramento da competição global => avançar competitividade -Resposta aos planos de EUA e Alemanha -Indústria chinesa frágil: baixa capacidade inovadora, baixa qualidade de produtos, poucas marcas famosas, ineficiência no uso de recursos (poluição), baixa qualidade da infraestrutura industrial, baixo grau de digitalização, baixa internacionalização 	<p>De “Made in China” para “Created in China”, da “China speed” para a “China quality”, dos “Chinese products” para as “Chinese brands”, da “Big industry” para a “Strong industry”</p>	<p>National Manufacturing Innovation Centers: rede de 40 centros (até 2025) para P&D, testes, experimentos piloto e serviços de apoio à indústria.</p> <p>Parques científico-tecnológicos: <i>China Academy of Sciences (CAS) Innovation 2020:</i> aprimorar a capacidade da academia em inovação, transformar descobertas científicas em tecnologia.</p> <p>Internacionalização: aquisição de empresas de alta tecnologia (EUA, EU); instalação de filiais chinesas países para transferência de tecnologia.</p> <p>Temas especiais: PMEs, Zonas de demonstração (reforçar capacidades regionais) em clusters / cidades com indústrias líderes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> •US\$ 279 bi: orçamento chinês para P&D em 2017 •US\$ 22 bi: <i>National Integrated Circuit Fund</i> •US\$ 3,2 bi: <i>Advanced Manufacturing Fund</i> •Fundos complementares de veículos locais de financiamento e através do China Development Bank

Como todas essas informações nos afetam enquanto nação? Quais as implicações de tudo isso para o nosso dia a dia? Estamos pensando a inovação em nosso país, como estão fazendo essas grandes nações?

Conforme salientou Luciano Coutinho, o Brasil ainda não formulou uma estratégia nacional de inovação de grande envergadura. Há iniciativas interessantes em curso e a percepção em agências públicas, no setor privado e na academia de que é preciso definir uma orientação estratégica de longo prazo. O professor salientou ainda que a indústria brasileira (CNI/MEI) deve estar entre líderes no processo de formulação de uma estratégia nacional ambiciosa.

Enfim, está claro que a indústria é uma nova e importante fronteira no processo de desenvolvimento do Brasil como uma Nação de primeira linha. Planos intermitentes e de curto prazo, muitas vezes do tamanho do mandato do partido ou do candidato de ocasião, não colocarão o país na fronteira de temas relevantes para a sociedade como saúde, mobilidade, energia, bens de capital, IoT (internet das coisas), etc.

Que os nossos líderes não percam o passo e reorientem as velas do desenvolvimento na direção do futuro com decisões inteligentes no presente. Afinal, não há outro tempo!

PAINEL DE INDICADORES: BRASIL E ALAGOAS

Principais Indicadores Econômicos – Brasil

Descrição	2015	2016	2017	2018	Último Dado	Previsão Focus (BCB) 2019
I – Atividade Econômica						
PIB real (%)*	-3,5	-3,5	1	1,1	4º tri/2018	2,00
Produção industrial (%) *	-8,30%	-6,60%	2,50%	1,1%	jan/19	2,50
Comércio Varejista (var. volume vendas) *	-4,3	-6,2	2	2,3	jan/19	-
Taxa Desocupação (PNAD contínua)	9	12	11,8	11,6	Dez/jan/fev**	-
II – Inflação						
IPCA (%)*	10,7	6,3	3	3,8	fev/19	3,9
IGP-M (%)*	10,5	7,2	-0,5	7,6	fev/18	5,2
III – Juros e Câmbio						
Selic (%)	14,25	13,75	7	6,5	mar/19	6,5
TJLP (%)	7	7,5	7	7,03	jan/fev/mar	-
R\$/US\$	3,9	3,25	3,3	3,85	29/03/2019	3,70
IV – Setor Externo						
Balança Comercial (US\$ bilhões)*	19,7	47,72	66,99	60,6	fev/19	50,25
Investimento Estrangeiro Direto (% PIB)*	4,2	4,4	3,4	4,7	fev/19	-
Reservas Internacionais (US\$ bilhões)	356,46	372,22	381,97	378,10	28/03/19	384,32
V – Crédito (SFN)						
Taxa de Juros (% a.a.)	29,8	32	25,6	23,3	fev/19	25,0
Inadimplência (%)	3,4	3,7	3,2	2,9	fev/19	2,9

*Acumulado em 12 meses; ** Trimestre Móvel

Painel Alagoas

Indicador	Valor
Taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (IBGE, PNADC, 2017)	18,20%
Escolaridade média da população adulta (IBGE, PNADC, 2017)	7,1 anos
Taxa de desemprego (PNAD, IBGE, 2019)	17,30%
Renda domiciliar per capita	R\$ 658,00
Geração nem nem nem (nem trabalha, nem estuda, nem procura emprego) (IBGE, 2018)	26,35%
Índice de Gini* (IBGE, 2018)	0,46
PIB (bilhões) (IBGE, 2017)	R\$ 37.223
PIB per capita	R\$ 13.422
IDH-M** (IBGE, 2016)	0,667
IPC (junho/18) (Alagoas em Dados, 2018)	0,65%

Expediente Boletim Caminhos Estratégicos de Mercado – UGE

Presidente do Conselho Deliberativo

José da Silva Nogueira Filho

Diretor Superintendente

Marcos Antonio da Rocha Vieira

Diretor Técnico

Ronaldo de Moraes e Silva

Diretor de Administração e Finanças

José Roberval Cabral

Gerente da Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Fabírcia Carneiro Fernandes

Equipe UGE

Fábio Leão (conteúdo)

Isadora Barros

Geanne Daniella

Sandra Vilela

Júlio Enders

Colaboração

Gustavo Vieira (estagiário)

Mariana Cruz (estagiária)